

## A LÍNGUA DOS TEXTOS CIENTÍFICOS

### 1. Conclusões provisórias

#### 1ª) Sistema de avaliação desacreditado

Muitas são as vozes que proclamam estar profundamente desacreditado o sistema de avaliação quer pelos chamados *referees* quer pelas agências de avaliação oficiais, nomeadamente quando se privilegia a redacção em língua inglesa, independentemente do conteúdo. Um dos interlocutores desta troca de impressões chegou mesmo a escrever-me: «Todas estas avaliações são, em geral, uma farsa (aqui entre nós, é claro)». E esta é a luta principal a travar!

2ª) **Deve competir exclusivamente ao autor** determinar os objectivos que pretende atingir, seleccionando, para o efeito, o língua em que prefere exprimir-se, atendendo ao público que considera prioritário, no âmbito científico em que se movimenta.

3ª) É universalmente aceite e desejável que cada artigo seja acompanhado por **resumo(s)** quer na língua original quer no(s) idioma(s) cujos falantes deseja atingir. Recomenda-se que não se recorra à tradução automática, cujos maus resultados são sobejamente conhecidos.

### 2. Testemunhos

Partilho, por ordem cronológica, os testemunhos que me foram chegando particularmente. Antes de mais, porém, para aliviar o espírito, uma verificação que não deixa de ser significativa e está de parabéns quem a ‘inventou’:

# 4 MIL ANOS DEPOIS NÓS VOLTAMOS A FALAR A MESMA LÍNGUA



## Opinião de Conceição Guerra

De: Maria da Conceição [mailto:arima\_guerra@hotmail.com]

Enviada em: sexta-feira, 26 de Maio de 2017 18:00

Para: José d'Encarnação

Assunto: Re: Escrever na língua nativa

Concordo inteiramente. Sou contra esta colonização anglo-saxónica, pois fui formada pelas leituras da adolescência e juventude, em particular, na cultura francesa e italiana, independentemente de me terem marcado grandes obras (romance, teatro, cinema) de origem anglo-saxónica.

Não dou grande atenção ao festival da Eurovisão, mas este ano gostei de ver vencer um português a cantar em português, sem efeitos especiais, sem electrónica, sem espectáculo - bastou a voz, a música, a letra, o corpo.

O Brexit, a derrota de Marine Le Pene, entre outros factores, talvez ajudem a desviar o eixo de influência alguns graus para leste de Greenwich e, já agora, alguns graus para Sul, reinscrevendo no mapa a *Europa Latina - não é só sol, copos e mulheres, é ainda o prazer das pequenas coisas, quando outras faltam, é ainda o prazer de viver, para além das cotações na bolsa e das manobras financeiras dos mercados que ganham com as dificuldades e sofrimento de países da periferia, isto é, do Sul.*

Conceição Guerra

.....

**Da Universidade de Sassari**

De: Attilio Mastino [mailto:mastino@uniss.it]  
Enviada em: sábado, 27 de Maio de 2017 18:40  
Caro José,  
grazie per quello che stai facendo, ti siamo vicini.  
Un abbraccio  
Attilio

.....

Uma opinião vinda da Catalunha

De: Joan Sanmartí Grego [mailto:joansanmarti@gmail.com]  
Enviada em: sábado, 27 de Maio de 2017 15:01  
Para: José d'Encarnação  
Assunto: Re: É urgente tomar consciência do escândalo!

Benvolgut professor,

Quan vostè parla de "llengües natives" inclou també idiomes com el català, el rus o l'àrab?; o bé, en aquests casos, creu que els autors haurien de renunciar a llurs llengües maternes i utilitzar-ne altres de "internacionals"? Entre aquestes darreres s'hi hauria d'incloure, per exemple, l'espanyol per als autors catalans?; o el francès per als Algerians? O seria millor, en aquests casos, passar directament a la llengua internacional de la ciència? Estic segur que comprèn les moltes contradiccions que poden sorgir quan es defensa que els científics s'expressin en les seves llengües maternes, ja que m'imagino que, per justícia i equanimitat, vostè no redueix aquesta qüestió a l'ús de les llengües oficials dels grans estats de l'Europa occidental.

Atentament  
Joan Sanmartí

**Respondi**, no dia 28 de maio de 2017 às 00:48:

Olá, Joan!

Creio que, na tua Universidade, o catalão será a língua oficial e que as equipas de avaliação não considerarão menor o valor da tua investigação por a teres escrito em catalão e não em inglês. É esse o problema que se está a colocar: a subjugação das línguas nativas à tirania do inglês. Tenho a certeza de que os responsáveis pelas entidades catalãs escolherão para as equipas de avaliação pessoas que compreendam o catalão.

Vejamos o caso de Marrocos:

A língua oficial em Marrocos é o Árabe. Esta é a língua que se aprende na escola e a língua escrita. Já a língua oficial de Marrocos para os negócios é o Francês.

E o caso da Argélia:

Embora o francês não tenha um estatuto oficial, a Argélia é o segundo maior país francófono do mundo em termos de falantes e o francês é largamente utilizado no governo, nos meios de comunicação (jornais, rádio, televisão local) e no sistema educacional devido à história colonial do país.

Não acredito, pois, que, nestes dois países (a título de exemplo) uma comissão de avaliação dê uma classificação menor a quem escreva em francês e não em árabe.

Estamos a falar de dois níveis diferentes. E, aqui, o que interessa focar é o da avaliação científica.

Parece-te bem que um tema da história catalã destinado aos catalães seja preferentemente redigido (e mais bem valorizado) se for redigido em inglês? Prezo muito a Catalunha, porque foi graças aos Catalães que nós, Portugueses, recuperámos a independência em 1640. E não gostaria que o catalão deixasse de ser difundido para se dar prioridade ao inglês – até porque é bem próximo do Português!... Peço desculpa, mas é a minha opinião!

Uma abraçada, Amigo

José

### Posição de Vasco Mantas

De: vasco mantas [mailto:vsmantas@gmail.com]  
Enviada em: domingo, 28 de Maio de 2017 12:17  
Para: José d'Encarnação  
Cc: Sanmarti

Caros Amigos

Muito há a dizer sobre a tirania da língua inglesa imposta (ou simplesmente aceite?) por quem decide sobre a produção científica (ou sobre as misérias disponibilizadas a quem deseja investigar sem estar preocupado com clientelas, orientações e publicidade (de preferência na TV).

Anos atrás, talvez muitos, certas coisas que se passam na vida portuguesa contemporânea teriam sido classificadas como traições.

Talvez por estarmos imbuídos do *Zeitgeist* da vacuidade, moldado por uma série de "valores" de plástico, naturalmente rentáveis para quem os difunde, recebemos tão calmamente uma situação de protectorado económico que nos atirou para a condição de "potência dispensável", tantas vezes evocada por um conhecido politólogo nacional (ainda se pode utilizar este termo?).

Sem querer voltar à questão do malfadado "acordo ortográfico, que sou obrigado a utilizar contra vontade em muitas publicações, sob pena de ser obrigado a publicar noutro local ou, pior, noutra língua, julgo que entrámos por caminhos extremamente perigosos, nocivos à comunidade portuguesa enquanto entendida como tal e herdeira de séculos de história, tradição e **sacrifícios**.

Por isso recomendo, a propósito da Língua Portuguesa, a leitura em Francisco Rodrigues Lobo do passo que lhe dedica na *Corte na Aldeia* (ainda faz parte do Plano Nacional de Leitura?), de que ofereço dois fragmentos:

... E VERDADEIRAMENTE QUE NÃO TENHO A NOSSA LÍNGUA POR GROSSEIRA NEM POR BONS OS ARGUMENTOS COM QUE ALGUNS QUEREM PROVAR QUE É ESSA (...) E PARA QUE LHE DIGA TUDO, SÓ UM MAL TEM, E É QUE, PELO POUCO QUE LHE QUEREM SEUS NATURAIS, A TRAZEM MAIS REMENDADA QUE CAPA DE PEDINTE.

Cordialmente

Vasco Gil Mantas

### Opinião de Leonor Zozaya

De: leonor zozaya montes [mailto:lezozaya@yahoo.es]  
Enviada em: segunda-feira, 29 de Maio de 2017 15:08  
Para: José d'Encarnação  
Assunto: comentario sobre los nacidos en lugares hispanohablantes

José, muchas gracias por promover estos diálogos.

Quería apuntar al diálogo algunas ideas que me rondan por la cabeza, en la línea de lo que comentáis.

No debería darse prioridad a escribir en un idioma extranjero cuando no se sabe bien ni el propio, y pondré el ejemplo con mi lengua materna. Se da por hecho que alguien nacido en un lugar hispanohablante sabe escribir español correctamente, y no es siempre así. Desgraciadamente, muchos se dedican a destruirlo, no sólo políticos y periodistas; también, desgraciadamente, gran parte del profesorado. Pongo el ejemplo de la criatura que ha escrito a su profesor argentino confesando que se avergüenza porque no le entiende, pues sólo sabe hablar guaraní. Aquí se puede leer la noticia, publicada nada menos que por El País:

[http://internacional.elpais.com/internacional/2017/05/25/argentina/1495670321\\_350835.html](http://internacional.elpais.com/internacional/2017/05/25/argentina/1495670321_350835.html)

La citada noticia no tiene desperdicio, porque, tal y como se expresa el profesor, yo también le escribiría diciendo que no le comprendo. Pero no le confesaría que me avergüenzo por ello. Le diría que debería expresarse correctamente, pues no está haciéndolo. Pongo el ejemplo de su último párrafo, que bien serviría de ejemplo para describir lo que Sokal y Bricmont denominaron *imposturas intelectuales*:

“**La violencia es una manera de nominar** muchas cosas que nos pasan, y en parte, tiene que ver con las barreras culturales **que no son soportadas**. Por alguna razón **el antagonismo tiene que tomar cuerpo** en la vida del ser humano pero, en realidad, **también existe la sincronía** y nuestra idea es pensar instituciones centradas en el pluralismo”, afirma Dani, y al instante completa: “Aunque no sé si la escuela es el espacio y el lugar que **la institución educación va a sostener de acá en más**. Por ahí no hay que centrarse tanto en los contenidos sino en las actitudes”. (negritas de L.Z.) Este es sólo un mero reflejo de mil ejemplos que existen. Yo he padecido ese tipo de imposturas en mi lengua materna que me impedían entender el mensaje, pensando que el problema era mío, cuando el problema era de quien emitía un discurso incorrecto. Creo que el problema subyacente es el profundo desconocimiento y desprecio por la lengua propia. Un gobierno culto y sensato debería apoyar que su sociedad -y en especial su elite intelectual- se expresase correctamente. Pero por desgracia hasta los prestigiosos contratos Ramón y Cajal y Juan de la Cierva, que se desarrollan y disfrutan en España, puntúan más si se redactan en inglés que en castellano (desconozco cómo funciona en las comunidades autónomas con lengua propia). Y, al final, lo que suele ocurrir es que se destruye el inglés, lengua bellísima que no tiene la culpa de nada, a causa de una colonización "voluntaria" del idioma que lo único que hace es destruir ambas lenguas.

#### A opinião do Prof. Tony King

De: Tony.King [mailto:Tony.King@winchester.ac.uk]

Enviada em: terça-feira, 30 de Maio de 2017 11:15

Para: 'José d'Encarnação'

Assunto: RE: Escrever na língua nativa

My apologies for writing in English, but it is, of course, my native language! It is becoming increasingly clear that the academic publishing needs a thorough shake-up, in these days of open access, and online publishing. Publishers of journal articles usually insist that they have exclusive publication rights – this has to change, so that we authors can publish an article in different places, in different languages, to appeal to different

audiences. I have published reports in Spanish, Italian and Catalan, and it is quite correct that you observe that they do not get the exposure that a report in English would get. However, I have placed the English version of the reports on academia.edu, and they get lots of hits.

As for the apparent classification of journals, I have not really come across this, except for a listing of humanities journals by an EU organisation in Brussels. In Britain, there is no official classification of journals, but unofficially some journals (e.g. Journal of Roman Studies) are more prestigious than others. Again, this needs to change, as it is the articles, not the journal itself, that most readers are interested in. I personally try to assess each article on its merits, not because it is in a prestigious journal.

Lastly, it is a little unfair to suggest that Anglophone articles tend to cite only English sources. Personally, I have a pretty good range of cited material in several different languages in most of the research that I publish. For good work, it is vital to investigate all relevant sources, whatever language they are published in.

With best wishes,

Tony King

Prof A C King

University of Winchester

.....

Um desabafo italiano

Come non condividere il tuo giusto allarme!.

Ne ho viste di tutti i colori, chiedendomi ogni volta quale fosse la vera preparazione scientifica di alcuni colleghi, specie se poi tronfi di "Grandeur" come qualche francese...

Un esempio, naturalmente anonimo: "Nuoce gravemente all'autore essere in pensione..."

Nicolò Giuseppe.

**FIM**